

ASPECTOS SOBRE DOENÇAS QUE ACOMETEM OS NEONATOS CANINOS – REVISÃO DE LITERATURA

45

Geovana Domingues Jardim Soares^{1, *}; Vitória Xavier Cabral¹; Patrícia de Freitas Salla²

1, * Graduanda de Medicina Veterinária, Centro Universitário da Região da Campanha – URCAMP
ge.soares9@gmail.com; 2 – Dr^a., Centro Universitário da Região da Campanha – URCAMP

A taxa de mortalidade neonatal na espécie canina é elevada. Acredita-se que aproximadamente 20 a 30% dos cães recém-nascidos não chegam à idade de desmame. Muitas patologias estão associadas a esse percentual elevado, tanto com origens infecciosas como não-infecciosas. Dentre as infecciosas pode-se incluir a Brucelose canina e herpesvírose canina, quanto as não infecciosas destacam-se hipóxia, hipotermia, hipoglicemia, doenças genéticas, traumas e intoxicações. O presente trabalho teve como objetivo compilar informações sobre as principais doenças infecciosas e não-infecciosas que acometem neonatos caninos no período perinatal, através de uma revisão de literatura, utilizando trabalhos científicos publicados em revistas indexadas.

Palavras-chave: Infecciosas; não infecciosas; Neonatal; Cães.

INTRODUÇÃO

A taxa de mortalidade neonatal na espécie canina apresenta valores elevados que refletem em grandes prejuízos econômicos, genéticos e emocionais. Acredita-se que de 20 a 30% dos cães recém-nascidos não chegam ao desmame. Sendo que a maior ocorrência de mortes decorre no período perinatal, com início na gestação e termino com sete dias completos após o nascimento (Mila et al., 2014 *apud* DE SOUZA, 2017a). O risco de mortalidade neste período tem relação com a individualidade da ninhada do que com a raça ou porte, acometendo principalmente filhotes de primeira prenhez de uma cadela e até três vezes mais frequentes em cadelas que desenvolvem a primeira gestação com mais de seis anos de idade (Tønnessen et al., 2012 *apud* DE SOUZA, 2017a).

Enfermidades estão associadas a letalidade fetal e neonatal canina, decorrentes de origens infecciosas e não infecciosas. Em relação as não infecciosas estão hipóxia, hipotermia, hipoglicemia, doenças genéticas, traumas e intoxicações (Münnich e Küchenmeister, 2014 *apud* DE SOUZA, 2017a). A

distocia, também, está destacada como a principal etiologia de morte perinatal em cães (Münnich e Küchenmeister, 2014 *apud* DE SOUZA, 2017a).

Em relação as infecciosas, os agentes bacterianos e virais são mais frequentemente relatados do que infecções por protozoários, os quais são raramente citados (Reis et al., 2016 *apud* DE SOUZA, 2017a). Muitas destas doenças são consideradas graves e com potencial zoonótico (Graham e Taylor, 2012 *apud* DE SOUZA, 2017a).

O presente trabalho teve como objetivo compilar informações sobre as principais doenças infecciosas e não infecciosas que acometem neonatos caninos no período perinatal.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado através de uma revisão de literatura, embasado em artigos científicos captados em busca no Google Acadêmico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da concepção até a ablactação, os recém nascidos caninos são susceptíveis a variadas agressões capazes de provocar malformações ou fraqueza após o nascimento, culminando desta forma, para a morte logo nos primeiros dias de vida. O progresso de qualquer caso específico irá derivar do momento em que ocorreu tal agressão e do agente etiológico em questão (Schlafer, 2008 *apud* DE SOUZA, 2017a). Os pacientes nesta faixa etária apresentam-se em estado de imaturidade imunológica, especialmente até os dez primeiros dias de idade, desse modo é indispensável a atenção do médico veterinário responsável, que muitas vezes não possui o conhecimento específico da área da neonatologia, justificando assim, a alta incidência de vidas perdidas nesse momento (Davidson, 2003 *apud* CHAVES, 2011).

A hipóxia fetal é vista como a principal causa de mortalidade no período perinatal em cães (Münnich, 2008; Münnich e Küchenmeister, 2014 *apud* DE SOUZA, 2017a). Está associada a partos distócicos, visto que animais oriundos de partos difíceis possuem o reflexo inspiratório incentivado pelo aumento da concentração de CO₂ ainda no canal de parto, aspirando líquidos comprometendo o sistema respiratório em seguida do nascimento (Silva et al., 2009b *apud* DE SOUZA, 2017a). A distocia pode ter relação por causas maternas, causas fetais ou uma combinação de ambas. (Münnich e Küchenmeister, 2009; Luz et al., 2015 *apud* DE SOUZA, 2017a).

A hipotermia causa reflexos negativos na imunidade, digestão e na assistência materna (Davidson, 2003 *apud* CHAVES, 2011). Geralmente quando a mãe nota seu filhote hipotérmico, ela o afasta dos outros, prejudicando ainda mais o seu estado (Domingos et al., 2008 *apud* CHAVES, 2011). Com a baixa temperatura, igual ou inferior a 35° C, o animal tem dificuldade para mamar por falta do reflexo de sucção. Há aumento na taxa respiratória e redução na frequência cardíaca que resultam na falta de aporte energético, desenvolvendo-se hipóxia tecidual e acidose respiratória (Prats, 2005 *apud* CHAVES, 2011).

Conseqüentemente a desidratação pode gerar um quadro de hipoglicemia. O filhote necessita da alimentação para conservar as taxas normais de glicogênio, em razão da redução da reserva de gordura corporal, restrita capacidade metabólica para elaborar glicose e precocidade hepática (Davidson, 2003 *apud* VANNUCCHI e ABREU, 2017). Sendo assim, períodos de duas a três horas de jejum são capazes de causar hipoglicemia neonatal, que se exibe por incoordenação, flacidez, fraqueza ou coma (Moon et al., 2001 *apud* VANNUCCHI e ABREU, 2017).

Anomalias genéticas hereditárias podem ser resultantes de lesões e enfermidades que provocam a morte fetal ou neonatal. Sob outra perspectiva, danos cromossômicos podem originar-se de erros na maturação dos genes ou na fecundação e ocorrer aleatoriamente (Johnston e Raksil, 1987 *apud* DE SOUZA, 2017a).

Dentre as várias doenças genéticas podem-se citar a palatosquise ou fenda palatina como a malformação mais encontrada em cães. Com predisposição em raças braquiocefálicas, Beagle, Schnauzer e Pastor Alemão. Em sua maioria é proveniente de distúrbios genéticos com múltiplos modos de herança. Comumente o animal exibe distúrbios respiratórios, em especial pneumonia por aspiração (PETERSON; KUTZLER, 2011 *apud* VANNUCCHI e ABREU, 2017).

Em razão de mudanças comportamentais ou inexperiência da mãe as lesões traumáticas podem acontecer acidentalmente, como lacerações, esmagamento ou canibalismo (Evans, 1968 *apud* DE SOUZA, 2017a). Hospitalização permanência em ambiente estranho ou em temperatura ambiental inadequada são aspectos estressores para mãe (Dumon, 2005a *apud* DE SOUZA, 2017a). Já em ninhadas órfãs, podem haver lesões cutâneas ou genitais em função da sucção entre os irmãos nas extremidades do corpo (Johnston et al., 2001 *apud* DE SOUZA, 2017a).

Malformações fetais podem ser induzidas por inúmeros fármacos de acordo com a dose, momento e duração da administração. A fase de maior risco é nos primeiros 20 dias de prenhez. Ainda, foram relatados casos de morte e aborto após uso de medicamentos como bromocriptina, carbaril, dexametasona, estradiol e prostaglandinas (Johnston e Raksil, 1987 *apud* DE SOUZA, 2017a).

Das infecciosas a *Brucella* é uma bactéria Gram-negativa relacionada a mortalidade em distintos hospedeiros, levando a lesões inflamatórias em múltiplos órgãos, considerado um agente zoonótico de importância. Em cães a infecção é por *Brucella canis*, mas também são suscetíveis a *B. abortus* e *B. suis*. (James et al., 2017 *apud* DE SOUZA et al., 2017b). O contágio se dá por via transplacentária ou pelo contato direto com secreções expelidas pela mãe, principalmente na hora do parto como a secreção vaginal (Wanke et al., 2004 *apud* DE SOUZA et al., 2017b).

O herpesvírus canino tipo 1 (CaHV-1) é um vírus DNA de fita dupla que pertence a subfamília Alphaherpesvirinae (Decaro et al., 2008 *apud* DE SOUZA

et al., 2017b). A contaminação por CaHV-1 pode causar aborto, mumificação fetal, natimortalidade, nascimento de filhotes fracos, ou morte neonatal (Decaro et al., 2008 *apud* DE SOUZA et al., 2017b). O prognóstico em neonatos com menos de três semanas de vida é desfavorável, mas a partir das três semanas o quadro clínico tende a ser mais favorável. A propagação acontece pela via transplacentária, mucosas lesionadas, fômites, aerossóis e secreções que tenham o vírus, como secreções oriundas de filhotes contaminados. Principalmente, em ninhadas em que o vírus esteja sendo disseminado entre os irmãos (Evermann et al., 2011 *apud* DE SOUZA et al., 2017b).

Os neonatos acometidos com a doença, geralmente vêm a óbito em um a três dias após demonstrarem os primeiros sinais clínicos. Para os que sobrevivem a infecção aguda, podem apresentar sequelas como meningoencefalite, necrose segmentar cerebelar; fibroplasia e hiperplasia tubular renais e, ocasionalmente, dilatação tubular e displasia renal; nos olhos, há displasia de retina (Percy et al., 1971 *apud* DE SOUZA et al., 2017a), além de panuveíte, ceratite, sinéquia, catarata, corioretinite, degeneração de retina e neurite e atrofia do nervo óptico. Casos que há morte perinatal, que em geral 100% da ninhada é acometida, a cadela não demonstra nenhuma sintomatologia e suas seguintes gestações podem ser normais (Evermann et al., 2011 *apud* DE SOUZA et al., 2017a).

CONCLUSÃO

Com base no trabalho realizado conclui-se que são multifatoriais as etiologias de mortalidade fetal e neonatal, entretanto, com a humanização dos cães a procura pelo acompanhamento adequado da fêmea puérpera e seus filhotes aumentou consideravelmente. Assim sendo, é necessário que os profissionais aprimorem os seus conhecimentos na neonatologia, visto que ainda há uma carência de entendimento na área o que justifica a elevada taxa de mortalidade de neonatos.

REFERÊNCIAS

CHAVES, Marcela Silva. Neonatologia em cães e gatos: Aspectos relevantes da fisiologia e patologia-revisão de literatura e relato de caso de Diprosopo Tetraoftalmo. Monografia - a Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais. 2011.

DE SOUZA, Tayse Domingues **Mortalidade fetal e neonatal canina**. Tese, Doutorado – Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Veterinária. 2017a.

DE SOUZA, Tayse Domingues et al. Mortalidade fetal e neonatal canina: etiologia e diagnóstico. **Rev. Bras. Reprod. Anim.**, Belo Horizonte, v.41, n.2, p.639-649, abr./jun. 2017b.

SILVA, Luísa Mariano Cerqueira da. **Causas de mortalidade neonatal em cães na região sul do Rio Grande do Sul no período de 2017 a 2019**. Tese, Doutorado — Programa de Pós-Graduação em Veterinária, Faculdade de Veterinária, Universidade Federal de Pelotas, 2020.

VANNUCCH, Camila Infantosi; ABREU, Renata Azevedo. Cuidados básicos e intensivos com o neonato canino. **R. bras. Reprod. Anim.**, p. 151-156, 2017.